

PRESS BOOK DE NARRADORES DE JAVÉ

INDICE:

1. Apresentação
2. Sinopse (curta e longa)
3. Trechos de críticas
4. Ficha técnica
5. Endereço do site e contato com assessoria de imprensa
6. A parceria de Eliane Caffé com Zé Dumont (improviso e colaboração do ator)
7. Entrevista com Eliane Caffé
8. Atores - perfis
9. Equipe técnica - perfis
10. A Produtora (Vânia Catani)
11. Os Gêmeos Turrões
12. As personagens femininas (Dona Dalva)
- 13.** O povoado-sede/A direção de arte
14. Tradição oral (trechos de texto de Jean-Claude Carrière)

15.DJ Dolores e a trilha sonora

1.APRESENTAÇÃO

Narradores de Javé chega aos cinemas - depois de uma série de sessões públicas, nas quais os espectadores lhe ofereceram excelente resposta e muitas gargalhadas – respaldado pela seleção oficial do Festival de Roterdã, pelo Prêmio da Crítica, em Friburg/Suíça, e por diversos prêmios conquistados em festivais brasileiros (melhor filme no Festival do Rio, segundo o júri popular e oficial, e melhor filme no Fest Recife). Por isto, acreditamos em seu potencial de diálogo com o público.

Nossa história conta a saga de povoado ameaçado de extinção (por grande hidrelétrica), cujos moradores buscam -- através do relato de suas memórias -- força capaz de impedir a inundação. Por serem analfabetos, os habitantes de Javé incumbem *Antônio Biá*, ex-funcionário dos Correios -- que já enfrentara ameaça semelhante (o fechamento da agência, por falta de serviço) inventando histórias íntimas dos moradores (recheadas com muita fofoca e invencionices). Para limpar sua barra, *Biá* torna-se o escrivão do passado "heróico" de Javé. Ele ouve cinco versões das "glórias" da gente que criou o vilarejo.

No elenco do filme somam-se atores profissionais (como José Dumont, Nelson Xavier, Luci Pereira, Gero Camilo, Rui Rezende e Alessandro Azevedo) e moradores de Gameleira da Lapa. O roteiro – de Luís Alberto de Abreu, em parceria com Eliane Caffé – insere-se nas pesquisas do autor em busca de dramaturgia fundamentada na memória oral e na rica cultura do Brasil profundo.

Nos créditos técnicos, *Narradores de Javé* conta com craques como Carla Caffé (direção de arte), Hugo Kovensky (fotógrafo argentino-brasileiro, formado na Bélgica) e Daniel Rezende, a nova sensação entre os montadores brasileiros (por causa da lisérgica edição de *Cidade de Deus*, que lhe rendeu o Bafta, o *Oscar* inglês).

Prólogo: Invencionices e expressões de Antônio Biá/José Dumont

Piaba de silicone

Tapioca de Exú

Manicure de lacraia

Pokemon de Jesus

Omelete de Cupim

Desinteria de tinta

Um dilúvio bovino

Clonado de miolo de pão

Que nem jacaré apaixonado

Patranha duvidosa ao invés de científica

Inventa histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala

2. SINOPSE CURTA

Moradores de Javé, povoado ameaçado de extinção – pois será encoberto pelas águas de nova hidrelétrica -- se unem para reconstruir, com testemunhos da memória oral, sua história. O fazem com muito humor e picardia, ora com grandeza épica, ora com deboche. O *presepeiro* Antônio Biá faz as vezes de um Homero sertanejo.

SINOPSE

Nada mudaria a rotina do pequeno vilarejo de Javé não fosse a ameaça repentina de sua extinção: Javé deverá desaparecer inundado pelas águas de uma grande hidrelétrica. Diante da terrível notícia, a comunidade decide ir à luta. Coloca em prática estratégia inusitada e original: escrever dossiê que documente os "grandes" e "nobres" feitos da história do povoado e assim justificar sua preservação. Se até hoje ninguém preocupou-se em escrever a verdadeira história de Javé, tal tarefa será executada pelos próprios habitantes. Como os moradores do vilarejo são bons contadores de histórias, mas mal sabem escrever o próprio nome, faz-se necessário conseguir escrivão à altura do empreendimento. É designado, então, *Antônio Biá*, personagem anárquico, de caráter duvidoso, porém o único no povoado capaz de escrever com fluência. Apesar de polêmico, ele terá a permissão de todos para ouvir e registrar os relatos mais importantes. Tarefa difícil, pois nem sempre os habitantes concordam sobre qual, dentre todas as versões, deverá prevalecer na memória do povoado. Na construção deste dossiê, inicia-se duelo poético entre os contadores que disputam com suas histórias – muitas vezes fantásticas e lendárias – o direito de permanecer no patrimônio de Javé.

3. CRITICAS

"O resultado (de Narradores de Javé) é um filme de surpreendente frescor e comicidade, em que o próprio final inconclusivo e anticlimático contribui para abalar o mito, hoje redivivo, das histórias com princípio, meio e fim"

José Geraldo Couto – FOLHA DE S. PAULO

"...Narradores de Javé surpreende com uma linguagem ágil, divertida e impregnada de uma verdade própria das obras que conseguem capturar a essência das expressões populares. Um sentimento que torna o filme tão singular quanto universal, tanto que ganhou o prêmio da crítica no Festival Internacional de Friburgo / Suíça"

João Carlos Sampaio -- "A TARDE" –Salvador

"...Lili, como todos, carinhosamente, a chamam, fez um filme de raiz popular, dotado de grande capacidade de comunicação..."

"Um dos fascínios do filme é essa interação perfeita entre atores profissionais e os moradores da cidade na qual o filme foi rodado, no interior da Bahia. Realça a autenticidade que faz de "Narradores de Javé" um verdadeiro acontecimento."

Luiz Carlos Merten O ESTADO DE SÃO PAULO

"...Temos aí gente do povo, atores e atrizes naturais em pleno funcionamento, interagindo em igualdade de condições com profissionais como o próprio José Dumont, Nelson Xavier e Gero Camilo.

Javé fala de uma luta popular, a da preservação de raízes, e fala também da importância da construção de uma história que nos sirva de base, seja ela real ou fictícia..."

Luiz Zanin Oricchio O ESTADO DE SÃO PAULO

"...um filme belo sobre a narrativa popular e o valor das tradições. O riso e a dor, na mesma medida, exploram problemas de um Brasil não-urbano, incompatível com as necessidades progressistas..."

Hélio Ponciano REVISTA BRAVO – Junho de 2003.

"*Narradores de Javé* arrasa em tempo integral. Há muito não se via no cinema brasileiro filme tão original e genuinamente popular, com diálogos tão deliciosos (do craque Luís Alberto de Abreu, enriquecidos por José Dumont & Cia), história tão apaixonante e – o que é fundamental – atores em perfeita comunhão com a comunidade circundante (Gameleira da Lapa, na Bahia)...Lili construiu um épico sertanejo, com ressonâncias do *Dom Quixote* cervantino. Uma pequena obra-prima".

Maria do Rosário Caetano - REVISTA DE CINEMA

4. FICHA TECNICA

Narradores de Javé, ficção, 35mm, 100 minutos, cor, 2003

Direção - Eliane Caffé

Produção - Vânia Catani

Produção Executiva - Caio Gullane, Fabiano Gullane e Vânia Catani

Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé

Direção de Fotografia - Hugo Kovensky

Direção de Arte - Carla Caffé

Direção de Produção - André Montenegro e Rui Pires

Som Direto - Romeu Quinto

Cenógrafa - Cibele Gardim

Figurino - Cris Camargo

Maquiagem - Uirandê Hollanda

Editor - Daniel Rezende

Direção Musical - DJ Dolores

Edição de Som - Miriam Bidermman

ELENCO

José Dumont..... Antônio Biá

Nelson Xavier..... Zaqueu

Matheus Nachtergaele Souza

Rui Rezende..... Vado

Gero Camilo Firmino

Luci Pereira..... Deodora/Mariadina heróica

Silvia Leblon Mariadina (louca e andrajosa)

Nelson Dantas..... Vicentino

Orlando Vieira..... Gêmeo

Roger Avanzi..... O Outro

Alessandro Azevedo..... Daniel
Mário César Camargo..... Pai de Daniel
Benê Silva.....Pai Cariá
Maurício Tizumba..... Samuel
Henrique Lisboa..... Cirilo
Maria Dalva Ladeia.....Dona Maria

Altair Lima (1936-2002), com Galdério,
em seu último trabalho no cinema

PRÊMIOS:

Seleção oficial do Festival de Roterdã/Holanda

Prêmio da Crítica no Festival de Fribourg/Suíça

Sete troféus CALUNGA no Cine PE /2003

Melhor filme

Melhor direção (Eliane Caffé)

Melhor ator (José Dumont)

Melhor atriz coadjuvante (Luci Pereira)

Melhor ator coadjuvante (Gero Camilo)

Melhor montagem (Daniel Rezende)

Melhor som (Miriam Biderman)

Prêmio Gilberto Freyre (atribuído pela Fundação Gilberto Freyre, do Recife)

Festival do Rio/2003

Melhor filme pelo Júri Oficial

Melhor filme pelo Júri Popular

Melhor ator: José Dumont

Festival de Bruxelas: melhor filme e roteiro.

6. JOSÉ DUMONT: PARCEIRO E CÚMPLICE

Eliane Caffé não se cansa de afirmar e reafirmar a importância de José Dumont, com seus infundáveis improvisos, no resultado final de *Narradores de Javé*. O ator, com larga folha de serviços prestados ao cinema brasileiro, entregou-se com tamanha paixão a seu Antônio Biá, que a diretora chega a vê-lo como "co-autor" do filme. Em debate no Recife, ao lado de Zé Dumont, Eliane contou história divertida. Todas as manhãs, praticava exercícios de kung fu com a irmã, Carla Caffé, diretora de arte. Pois num certo dia, na hora da filmagem, sem que ninguém esperasse, *Antônio Biá* começou a enfrentar seus contendores com golpes de...kung fu. Iguazinhos aos das irmãs Caffé. A cineasta fala da importância do ator em *Narradores de Javé*:

-- José Dumont é a alma do filme. O espectador sente a cumplicidade dele a cada instante, contamina com a alegria que aflora de cada momento da vida do pícaro Antônio Biá. Como se deu a parceria de vocês dois em Javé?

-- A pessoa José Dumont, além de ser originária do interior da Paraíba, é muito inventiva e traz nas vísceras rico repertório de situações, personagens e expressões. Este repertório é resultado de uma vivência que poucos de nós da equipe tínhamos. Durante as filmagens, ele criou e improvisou diálogos e situações inexistentes no roteiro e que deram força extraordinária, verossimilhança e autenticidade ao universo popular por nós trabalhado. É neste sentido que sempre digo que o Zé, quando abraça o filme, torna-se um co-autor. No momento de trazer seu corpo e sua imaginação para dar uma realidade, sempre surpreendente, às palavras "frias" do roteiro. Creio que ele é um dos melhores atores do Brasil e também um dos melhores no mundo internacional do cinema.

-- Antônio Biá costura o filme com ditos engraçadíssimos (*Pokemón de Jesus, omelete de cupim, tapioca de Exu, piaba de silicone, manicure de lacraia, reveillon de muriçoca*). *O que estava no roteiro e o que Zé Dumont improvisou?*

-- Quase todo o repertório de xingamentos foi criação do Zé e também outras frases que ele misturava no texto e mesmo ações como o kung fu, etc. Hoje fica difícil saber o que é de quem. O conjunto é que vale na fusão daquilo que de melhor cada artista pôde projetar. Isto é de fato o trabalho coletivo do cinema e quando ele acontece de forma plena e é valorizado, aí o filme pode estar perto de ganhar uma alma - porque acredito que a energia e inteligência coletiva são sempre maiores do que as individuais e isto também se imprime na tela. Imprime mesmo!!

7. ELIANE CAFFÉ, A DIRETORA

Eliane Caffé nasceu em Santo André, no ABC paulista, em 1961. Formou-se em Psicologia na PUC-SP, mas não chegou a exercer o ofício. Iniciou-se no cinema e foi preparar-se na Escola de San Antonio de los Baños, nos arredores de Havana. Seu primeiro trabalho, o curta *O Nariz* (1988) nasceu da adaptação de pequena fábula de Luiz Fernando Verissimo. Empolgada com o cinema, decidiu estudar mais. Foi para a Espanha, seqüenciou os estudos e começou a pesquisar e sonhar com um filme de ficção sobre o moto-perpétuo. Enquanto não consolidava seu estréia no longa (*Kenoma*/1998), dirigiu os curtas *Arabesco* (1990), premiado no Fest Gramado, e *Caligrama* (1994), premiado no Fest Brasília. O protagonista de *Kenoma* (um visionário que tentava construir o moto-perpétuo) era José Dumont. Ator que Lili convocou para encabeçar o elenco de *Narradores de Javé*.

- *Depois de filmes cerebrais como os curtas "Arabesco" e "Caligrama" e o longa "Kenoma", misteriosos até no nome, você volta com um filme popular, bem humorado, cheio de vida. O que a levou a "Narradores de Javé"?*

-- Depois de *Kenoma*, o primeiro filme a me levar para longe da metrópole, contatei, mais uma vez, um Brasil ainda desconhecido. Quis, mais uma vez, estabelecer convívio corpo a corpo com estas regiões e culturas. *Narradores de Javé* nasceu do desejo de expedicionar pelo interior mais distante dessa porção urbana do Brasil e conhecer melhor nossa gente, seus modos de vida e como se expressam.

-- *O elenco inteiro funciona com perfeição. Há química entre os protagonistas, coajuvantes e até figurantes. O que permitiu tamanho entrosamento?*

-- Primeiro a forma como se deu a interação da equipe no pequeno lugarejo de Gameleira da Lapa. Houve encontro também no convívio social. Nós, da equipe do filme, nos integramos na vida da comunidade e até solucionamos, pelo menos temporariamente, a questão do lixo, que se acumulava nas ruas, na barranca do rio, por todo lado. Neste

aspecto – limpeza da cidade -- a diretora de arte, Carla Caffé, fez um trabalho excelente. Creio que isto diminuiu a distância entre os nativos e nós, os forasteiros. Além do mais, cresceu a confiança de que estávamos ali para valorizar o que há de melhor na cultura deles. O segundo fator, foi a dedicação do preparador de elenco - Alessandro Azevedo - que além de atuar ficou o tempo todo junto à figuração e aos atores locais para dar-lhes *individualidade* em cada cena. O pessoal de Gameleira assumiu o filme em proveito próprio e isso era o melhor que poderia acontecer, pois a partir daí formamos imensa equipe a favor do filme.

-- *Como você chegou a atores como Orlando Vieira, Roger Avanzi e os dois negros (Benê Silva, o Pai Cariá, e Maurício Tizumba, seu intérprete, Samuel)?*

-- Alguns deles foram indicados pela equipe do *casting* e outros vieram na garimpagem de espetáculos independentes. Queríamos descobrir atores ainda desconhecidos, mas brilhantes. Caso do Roger Avanzi que sempre trabalhou como palhaço. *Narradores de Javé* é o primeiro filme dele. O cantor e compositor Maurício Tizumba, vinha de pequenas participações em *Amor & Cia* e *Samba Canção*. Ele se revelou um excelente ator, pouco conhecido nessa sua faceta. Aliás, é necessário registrar que ele ilumina qualquer *set* de filmagem com sua sabedoria e alegria de congregar a todos no maior astral. O Orlando Vieira, grande ator, tão visceral também em sua expressão, encantou a todos e nos deixou uma interrogação: como é que um ator desta qualidade fez tão poucos papéis proporcionalmente ao tempo de sua carreira? Creio que ainda existe enorme preconceito contra atores nordestinos. A meu ver, eles estão entre os mais interessantes e criativos de nosso país.

-- *Os papéis principais do filme são masculinos. Mas a pegada feminina está presente. As personagens Deodora e Mariadina (ambas feitas por Luci Pereira), defendem a presença da mulher na história, e por extensão, na arte, com garra e paixão. O que há de você -- que também atua num território (o cinema) ainda majoritariamente masculino -- em Deodora/Mariadina?*

-- Tenho dela a determinação em também pegar a palavra para si e fazer valer. E me identifico muito com aquele belo vestido cor de rosa com estampas coloridas que ela adora usar. Destaco também a participação de Maria Dalva Ladeia, a Dona Dalva, moradora de Gameleira da Lapa. No início das filmagens, ela era apenas figurante. À medida que o filme foi se materializando, ela e Antônio Biá começaram a brigar. Percebemos que ali, nos improvisos, estabelecia-se parceria importante. Biá a xingava e ela respondia. O personagem cresceu e ganhou espaço no filme.

-- *O filme soma citações da literatura épica, vai com prazer às narrativas pícaras, passa, de leve, pela escatologia. Promove, enfim, uma bela "mistura". Como você e Luís Alberto de Abreu trabalharam estas matrizes?*

-- Começamos através de três expedições que fizemos pelo interior de Minas e da Bahia para colher as histórias. O **humor** era o que mais ressaltava em todos os relatos que ouvíamos (por mais miserável que fosse o lugar visitado). Depois, trabalhamos com essa

matéria prima no desenho das situações. A idéia de termos no mesmo contexto, os relatos épicos, pessoais, cômicos e escatológicos é algo que aparece naturalmente na realidade da cultura dos "contadores de histórias", e porque afinal a vida mesma contém um pouco de cada coisa e tudo junto. Às vezes não sabemos onde está o limite entre um gênero e outro.

-- *Você trabalhou com um roteiro de ferro ou chegou, ao set, aberta ao improviso?*

-- Saí com um roteiro de ferro justamente para poder incorporar as improvisações e outras situações inesperadas. O roteiro é fundamental para não nos perdermos frente à realidade que é sempre mais rica e também mais dispersiva. É claro que no final, o roteiro vivido na prática se transformou muito, mas nem por isso perdemos o eixo ao qual pretendíamos chegar.

-- *Javé evoca, em nosso imaginário, cidades como Canudos, Sobradinho.... Você e Abreu pesquisaram as inundações que apagaram estas cidades dos mapas? Ou tudo no filme é fruto da imaginação?*

-- Houve pesquisa da realidade dessas inundações - a maioria delas desastrosas no impacto social (e até ambiental) que deixaram. Entretanto, a maior pesquisa recaiu sobre os relatos populares que colhemos durante as expedições e na própria forma narrativa para descobrir a melhor maneira de ajustar o jeito de contar a história do filme com a riqueza das palavras encenadas quase sempre só na voz dos "narradores".

-- *"Narradores de Javé" tem uma pegada documental. Em que medida, no projeto original, o filme seria mais "encenado"? Ou desde sua concepção primeira, você sabia que ia somar ficção e documentário?*

-- Desde o início queríamos criar a atmosfera do documentário na medida em que isto seria algo fundamental para trazer um aspecto de "verdade" ou verossimilhança. Nossa intenção era dar verossimilhança a uma fábula impossível de imaginar na realidade mesma.

-- *Que coordenadas você deu para a direção de arte (Carla Caffé) e para a fotografia (Hugo Kovensky)?*

-- Avisei, desde o início, que nosso ponto de partida, nossa intenção primeira, era fazer um filme bastante simples, despojado e utilizando tudo o que pudéssemos de objetos, figurinos, etc, do próprio vilarejo de Gameleira. A partir daí, recebi a colaboração de todos. A direção de arte (Carla Caffé) e o fotógrafo (Hugo Kovensky) me ajudaram muito. Na realidade, eles ofereceram a mim os elementos e parâmetros para visualizar e contextualizar tudo que estava em esboço na imaginação do roteiro.

-- *O filme nada tem de saudosista. Sabe que o progresso chega e leva com ele muito do passado. Mas defende o direito de cada um guardar suas "memórias afetivas". A escolha*

de um músico com D.J. Dolores foi pensada para manter o filme plugado na tomada contemporânea?

-- Exatamente. Um som regional e ao mesmo tempo conectado com os sons e sentidos dos novos tempos.

-- A História é uma soma de versões. Esta parece ser a espinha dorsal do filme. Afinal, cada um conta o que viveu a seu modo, puxando a sardinha para sua lata. Há a versão masculina, a versão feminina, a versão black. Esta, a de Pai Cariá, traduzida pelo divertidíssimo Samuel (Tizumba), constitui um dos momentos mais deliciosos do filme. Quais foram as matrizes desta seqüência?

-- Cada narrador **não** conta o que viu, pois as histórias da origem de Javé aconteceram há séculos atrás, mas **sim** o que a tradição passou e a partir daí reinventam as versões defendendo o que cada um deles acredita ser a verdade ocorrida. A idéia de aparecer o Quilombo, traduz a diversidade de culturas e etnias na formação da identidade de muitos dos vilarejos espalhados pelos país (e também das grandes cidades). Não poderíamos contar as versões de qualquer história (oficial ou não) sobre povoados e cidades do Brasil sem a presença do ponto de vista dos negros.

-- Uma espectadora, no FEST Gramado, disse que o que mais a atraiu no filme foi sua "ligação com os Evangelhos". Ela viu uma história calcada na Bíblia, que lê com freqüência. Você e Abreu são leitores da Bíblia?

-- O Abreu conhece bastante o texto bíblico. De minha parte, apesar de ter uma relação forte e mais intuída com a expressão divina sobre a vida, nunca li a Bíblia (a não ser uma parte ou outra).

-- A metalinguagem é a base do filme. Ao tentar escrever a história de Javé, o "narrador" Antônio Biá emite conceitos sobre a "escritura". Diz que pensa a lápis, opõe as patranhas contadas por seus entrevistados (a ficção) a um saber científico (a verdade documental), critica os excessos de alguns narradores (que sofrem "desinteria de tinta"). Enfim, diz que seus entrevistados "inventam histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala". Você e Abreu agiram, porém, com tal sutileza, que a metalinguagem se integra admiravelmente à narrativa. Nunca atrapalha a fruição do filme. Qual é o mistério desta "química"?

-- Creio que o próprio tema já possibilita essa química, uma vez que ao lado da escritura do povo de Javé há também a escritura que o próprio filme realiza para poder contar esta história. Também a idéia de um povoado que decide escrever a própria história é algo que expõe ou deixa em aberto o quanto a escritura "oficial", que nos acostumamos a ler (nos livros), esconde interesses e faz exclusão de tantas outras versões que não foram eleitas pelo "escrivão oficial" - neste caso, a privilégio das classes sociais dominantes que geralmente são as que possuem os meios para criar os grandes "textos" (a TV é um dos mais eficientes na tradução do que é verdade acontecida ou "patranha inventada").

-- Há quem veja no filme um tom teatral. Como você analisa esta questão?

-- Creio que a teatralidade vem da própria arte dos contadores de história que sempre dramatizam com os gestos e com o corpo tudo aquilo que relatam via "palavra dita". Eliminar esta teatralidade seria amputar uma das mais ricas características dos contadores de histórias que, através destas gestualidades, sugerem ao ouvinte uma pré-visualização daquilo que estão contando.

8. OS ATORES

JOSÉ DUMONT (Belém de Caiçara/PB, 01-08-1950) - Um dos mais premiados e talentosos atores brasileiros. Seu trabalho em *Narradores de Javé* – o divertidíssimo *Antônio Biá*, ex-funcionário dos Correios, homem que pensa "a lápis" -- causou arrebatamento do Fest Recife/2003 e no Festival do Rio (ambos o elegeram com o troféu de melhor ator). Para alegria de Eliane Caffé, que o tem como um dos esteios do filme. Embora tenha feito teatro e TV (novelas e especiais), foi no cinema que José Dumont pôde mostrar o melhor de seu imenso talento, seja em papéis de protagonista, ou de coadjuvante. Numa antologia do cinema brasileiro, ele apareceria, claro, como *Antônio Biá* e também como o lavrador nordestino que ensina imigrantes japoneses a colher café sem arrancar as folhas em *Gaijin* (Tizuka Yamasaki, 1980) e cantando *A Ema Gemeu*, em *Memórias do Cárcere* (Nelson Pereira, 1984), no porão de navio-prisão. O ator enfrentou, com garra e disposição, o estigma de eterno migrante nordestino (que o consagrou em filmes como *O Homem Que Virou Suco*, de João Batista de Andrade/1980, e *O Baiano Fantasma*, de Denoy de Oliveira/1983). Foi um coronel em *Tigipió* (Pedro Jorge de Castro, 1985), um cowboy em *Minas Texas* (Prates Correia, 1991) e um artesão sonhador em *Kenoma* (Eliane Caffé, 1998). Dono de raro senso de humor, Dumont brilha nos papéis cômicos, mas mostra igual talento nos papéis dramáticos. Ele nasceu no meio de família pobre, passou pelo Exército e pela Marinha Mercante. Em 1975, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, entrou para a vida artística. Fez *O Sonho*, Caso Especial escrito por Gianfrancesco Guarnieri, para a Rede Globo, e os filmes *Morte e Vida Severina* (Zelito Viana) e *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* (ambos em 1977). Dois anos depois de sua estréia como ator, havia se tornado um dos atores mais requisitados do país. A ponto de atuar em cinco filmes (*Tudo Bem*, de Arnaldo Jabor; *Amor Bandido*, de Bruno Barreto; *A Volta do Filho Pródigo*, Ipojuca Pontes; *Se Segura*, Malandro, Hugo Carvana, e J.S. Brown, o *Amigo do Super-Homem*, Denoy de Oliveira, todos de 1977). Em 79, fez *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno, e *República dos Assassinos*, de Miguel Farias Jr. Em 1980, estourou com *Gaijin* e *O Homem Que Virou Suco*. Seguiram-se mais vinte filmes. Entre eles, *A Hora da Estrela* (está impagável na pele de Olímpico, o namorado machista de Macabéia/Marcela Cartaxo), dois *Trapalhões* (*O Mágico de*

Orós e Trapalhões no Auto da Compadecida), Brincando nos Campos do Senhor (Hector Babenco, 1991), Policarpo Quaresma (Paulo Thiago, 1998), Abril Despedaçado, de Walter Salles, *Maria, a Mãe do Filho de Deus*, de Moacyr Góes (na pele do *Diabo*); A Selva, do português Leonel Vieira, e *Onde Anda Você?*, de Sérgio Rezende (no qual interpreta *Jajá*).

"Biá é quase um implante. Vem de muitas direções, signos diversos, cuja base é o texto de nossa doce Lili e do Abreu. É, como imagem, uma roupa alegre que Lili fez prá mim. E eu vesti esta fantasia criativa e peguei velhas energias recicladas da minha mocidade. E procurei fazer um homem alegre, criativo, oral, como são os brasileiros. Um homem que representasse, numa linguagem popular, todos aqueles que se expressam através da arte de escrever. Biá tem dono e Biá é livre".

NELSON XAVIER (São Paulo/SP - 30-08-1931) - Nelson Xavier, ator que é uma legenda do cinema brasileiro, interpreta em *Narradores de Javé*, o calmo Zaqueu, personagem que faz a ligação entre o povoado sertanejo e a cidade grande, de onde traz dentaduras e outros apetrechos. O paulistano Nelson formou-se na EAD (Escola de Arte Dramática) e aprendeu muito do que sabe no Teatro de Arena, "minha verdadeira escola de formação intelectual e técnica". Sua estréia no cinema se deu em 1959, no filme *Fronteira do Inferno* (Walter Hugo Khouri). Seguiram-se *Cidade Ameaçada* (Roberto Farias, 1960) e *Seara Vermelha* (Alberto D'Aversa, baseado em Jorge Amado, 1963). O primeiro grande, e decisivo, papel aconteceria em 1964, em *Os Fuzis*, de Ruy Guerra (Urso de Prata em Berlim/65). A força do filme gerou, em 1977, continuação intitulada *A Queda* (além de ator, Nelson foi co-diretor e co-roteirista, com Ruy Guerra). Mais um Urso de Prata em Berlim. Dirigiu o curta *Vam'prá Disneylândia* (premiado no Festival de Havana/1986, e Margarida de Prata da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Na filmografia de Nelson estão 50 filmes (sendo 43 de longa-metragem). Além de *Os Fuzis* e *A Queda*, destacam-se *Dois Perdidos numa Noite Suja* (Braz Chediak, 1970), *A Rainha Diaba* (A.C. Fontoura, 1975) e *O Mágico e o Delegado* (Fernando Coni Campos, 1983), que lhe rendeu o prêmio de melhor ator no FEST Brasília. O ator trabalhou em várias produções internacionais, como *Luar Sobre Parador* (Paul Marzusky, 1987), *Brincando nos Campos do Senhor* (Hector Babenco, 91), *O Testamento do Sr Napumoceno* (Francisco Manso, 1997: por este filme, produção portuguesa, em parceria com Cabo Verde e Brasil, ganhou o Kikito de melhor ator em Gramado) e *A Garota do Rio* (produção inglesa, 99). Nelson trabalhou em diversas curtas. O último - *O Auto de Leidiana* - é uma produção cearense dirigida por Rosemberg Cariry. Com o mesmo diretor, fez o longa *Lua Cambará – Nas Escadarias do Palácio*.

LUCI PEREIRA (Campina Grande/Paraíba – 06-01-1959). Autodidata, Luci Pereira da Costa formou-se no teatro e frequentou diversos cursos ministrados em festivais de artes cênicas realizados na Paraíba. *Narradores de Javé* marca sua estréia no longa-metragem. Estréia que, de saída, lhe rendeu o Prêmio Calunga de melhor atriz coadjuvante no Festival de Recife. O público aplaudiu, calorosamente, a escolha da intérprete de

Deodora e Mariadina. Antes de participar de "Javé", Luci atuou em dois médias -- *Hotel dos Mortos* e *Guerra de Nervos* – dirigidos por Carlos Jotaerre, da produtora Chapéu de Vídeo, de Campina Grande. A atriz está encantada com o cinema, mas segue devota do teatro, sua grande escola. Em seu currículo estão as peças (para adultos) *Fogo-Fátuo*, *Festa do Rosário*, *As Velhas*, *O Psicanalista*, *Deus lhe Pague*, *O Santo Milagroso*, *Macho*, *Essa Mulher é Minha*, *Fêmea*, *Séxora*, *Do Tamanho de um Defunto* e *Lampião Vai ao Inferno Buscar Maria Bonita*. Para crianças, fez *A Bruxinha Dorotéia*, *O Jacaré Azul*, *As Bruxas Foram a Marte*, *A Cigarra e a Formiga*, *Flicts* e *Chapeuzinho Vermelho*. O convite de Eliane Caffé para que atuasse em *Narradores de Javé* deixou Luci Pereira "emocionada e apreensiva". Mas ela se entregou aos ensaios com enorme paixão. "Trabalhar com José Dumont, este ator tão grande, meu conterrâneo, foi uma alegria imensa. Aprendi muito com ele e com o maravilhoso elenco do filme. Guardo enorme alegria das filmagens em Gameleira da Lapa. Foi uma experiência maravilhosa". Luci Pereira estava envolvida com o *set* de filmagens já por dois meses, quando soube que teria que montar a cavalo, para interpretar *Mariadina*, mulher forte e corajosa, evocada pelas moradoras de Javé. "Na cena"—relembra bem humorada – "eu tinha que aparecer galopando um belo cavalo, acompanhada pelo meu bando". Só que, "eu nunca havia montado a cavalo na minha vida. O jeito foi passar uma semana treinando num pangaré". Na hora das filmagens, o cavalo que apareceu em cena era um vistoso manga larga marchador. "Gelei. Para mim, montar aquele alazão era como montar um elefante. Criei coragem e mandei ver. Recorri à força e coragem da personagem para enfrentar o meu maior desafio. Felizmente, o resultado ficou lindo".

RUI REZENDE -- Quem não se lembra de Rui Rezende encarnando, à meia-noite, o Lobisomen, na novela *Roque Santeiro* (Globo/1985)? Ele era o *Prof. Astromar Junqueira*, rapaz tímido e apaixonado por *Mocinha* (Lucinha Lins). À meia-noite uivava para a Lua. Rui atuou, dez anos antes de *Roque Santeiro*, no maior sucesso do cinema brasileiro (*Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto/1975). No início de sua carreira, ele fez teatro e televisão. Estreou, em 1966, na TV Tupi, no teleteatro *Um Pai para Camila*. Na Globo, fez as novelas *Paraíso* (1982); *Voltei para Você* (1983); as minisséries *Bandidos da Falange*; *Noivas de Copacabana* (1992) e *Incidente em Antares* (1994). No teatro, fez *Fando e Lis* (1979). Entre os muitos filmes que fez, destacam-se: *Jogo da Vida e da Morte*, de Mário Kuperman; *O Casal*, de Daniel Filho; *O Pistoleiro*, de Oscar Santana (neste filme teve seu papel de maior destaque); *Barra Pesada*, de Reginaldo Farias; *O Desconhecido*, de Ruy Santos, *A Difícil Viagem*, de Geraldo Moraes; *Amor & Cia*, de Helvécio Ratton, *Menino Maluquinho 2, a Aventura*, de Fernando Meirelles & Fabrizia Pinto. Em *Narradores de Javé*, ele dá vida a *Vado*, um dos habitantes mais empenhados em reconstruir a história javélica.

GERO CAMILO – (Fortaleza/CE-18/12/1970) – Em *Narradores do Javé*, Gero Camilo interpreta *Firmino*, personagem *que quer ver o circo pegar fogo!* "Por mais que queiram dar justa causa a nomes de pessoas que, no passado, carregaram seu sobrenome, Firmino protesta em prol de sua ignorância e pede a praticidade do gesto". Seu desempenho lhe rendeu o Troféu Calunga (melhor ator coadjuvante) no Fest Recife/2003. Paulo Rogério

da Silva, o Gero, formou-se na prestigiada EAD-USP (Escola de Arte Dramática da USP), e estreou no teatro profissional em *Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada*, de Gabriel García Márquez, ao lado de Ester Góes. Depois escreveu, dirigiu e protagonizou o monólogo *A Procissão*, que mantém em repertório, e a peça *As Bastianas*. No cinema, sua estréia se deu em *Cronicamente Inviável* (Sérgio Bianchi/2000). Depois vieram *Domésticas* (Meirelles & Olival), *Bicho de Sete Cabeças* (Laís Bodanzky), em que chamou atenção na pele de um louquinho que oferecia banana a *Neto*, personagem de Rodrigo Santoro (pelo papel, foi premiado no FEST Brasília e FEST Recife); *Abril Despedaçado* (Walter Salles), *Madame Satã* (Karin Ainoúz), *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles) e *Carandiru*, de Hector Babenco. Em *Cidade de Deus*, ele interpretou *Paraíba*, homem que mata a esposa ao descobri-la na cama com um dos integrantes do "Trio Ternura". Em *Carandiru*, causou sensação com o divertido *Sem Chance*, "enfermeiro" que ajudava o Doutor em suas práticas medicinais e se relacionava com o travesti *Lady Di* (outra parceria com Rodrigo Santoro). No México, Gero atuou em *Man On Fire*, direção do inglês Tony Scott (de *Fome de Viver*), ao lado de Denzel Washington. Para o ator, trabalhar em *Narradores de Javé* foi participar de "encontro sensível com a vida e a ficção, regida pela poesia, imagem de uma gente simples e cheia de histórias para contar, tal qual os personagens do roteiro". Ele lembra, feliz, que "enquanto as torres gêmeas eram derrubadas em Nova Iorque, duas grandes árvores na beira do São Francisco nos davam sombra, e na água que corria, iam longe essas tragédias".

Meu personagem joga pimenta no caldo, lembra que Antônio Biá é o que há, e de resto, faz por onde rir de sua própria desgraça.

MATHEUS NACHTERGAELE (São Paulo- capital 03-01-1969) - Ator revelado pelo teatro, no belíssimo *Livro de Jó* (Cia de Teatro Vertigem), Matheus Nachtergaele, cujo nome vem de origem belga, tornou-se astro popular com o sucesso de *João Grilo*, em *O Auto da Compadecida* (minissérie e filme dirigidos por Guel Arres). Antes, Matheus chamou atenção ao interpretar o homossexual *Cintura Fina*, na minissérie *Hilda Furacão*. Chamou atenção também na pele do mulherengo *Teodorico Raposo*, na minissérie *Os Maias*, dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Seu primeiro trabalho no cinema se deu em *O Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto. Coube-lhe o papel de Jonas, guerrilheiro duro e autoritário, que causou grande polêmica nos redutos da esquerda. Depois, fez *Anahy de las Misiones*, do gaúcho Sérgio Silva; *Central do Brasil*, de Walter Salles (finalista ao *Oscar*, como *O Que É Isso, Companheiro?*), *Kenoma*, de Eliane Caffé (com quem voltou a trabalhar em *Javé*, num papel pequeno – Souza – mas muito divertido, pois ele usa peruca), *O Enfermeiro*, de Mauro Farias (num belo duelo com Paulo Autran), *Castelo Rá-Tim-Bum*, *Cidade de Deus* (na pele do traficante Sandro Cenoura), *Eclipse....*, do alemão Herbert Brodl. Matheus, que fez sua estréia em novelas (*Da Cor do Pecado*), prepara, também, sua estréia na direção com *A Festa da Menina Morta*.

NELSON DANTAS (Rio de Janeiro/RJ-1927) – Nelson Hannequim Dantas Filho, ator com longa folha de serviços prestados ao teatro e cinema brasileiros, interpreta *Vicentino*, em *Narradores de Javé*. Intérprete dos mais respeitados, ele passou por elencos de Nelson Pereira dos Santos (*Azyllo Muito Louco* e *Memórias do Cárcere*), Joaquim Pedro de Andrade (*Os Inconfidentes*), Paulo Cezar Saraceni (*Capitu*, *A Casa Assassinada*, *O Viajante*), Arnaldo Jabor (*O Casamento*), David Neves (*Lúcia McCartney* e *Fulaninha*), Hugo Carvana (*Vai Trabalhar*, *Vagabundo*, *Bar Esperança*) e Bruno Barreto (*Dona Flor*, *O Que É Isso*, *Companheiro?*). Se os personagens eram coadjuvantes, nem por isso Nelson, pai do ator Daniel Dantas, deixou de brilhar. Como protagonista, ele causou sensação em filmes tidos como "experimentais" ou "poéticos", como *Cabaré Mineiro*, de Carlos Alberto Prates Correia (1979), e *A\$untina das Américas*, *Crônica de Um Industrial* e *O Santo e a Vedete*, de Luiz Rosemberg Filho. Nelson Dantas estreou no cinema em 1947, em *Almas Adversas*, de Leo Marten. Em quase 60 anos de carreira ele atuou em 40 filmes.

ORLANDO VIEIRA (Capela/Sergipe – 26-07-1931) – O sergipano Orlando Vieira, que interpreta um gêmeo turrão, formou-se no teatro e descobriu o cinema tardiamente. Mas recuperou o tempo com raras carisma e competência. No final dos anos 70, Hermano Penna o convocou para interpretar o motorista *Amaro*, em *Sargento Getúlio*. O papel lhe rendeu o Kikito (melhor coadjuvante) no Festival de Gramado. Cabe a *Amaro*, fiel motorista do rude sargento *Getúlio Santos Bezerra* (Lima Duarte), ajudar o chefe a conduzir preso político (Fernando Bezerra), de Paulo Afonso, na Bahia, até Barra dos Coqueiros, em Sergipe. A química entre o sargento e seu motorista encantou o público. Dali em diante, Orlando foi escalado para uma dúzia de filmes, uma minissérie (*Tereza Batista Cansada de Guerra*), o remake da novela *Irmãos Coragem* e um especial (*Uma Mulher Vestida de Sol*, de Ariano Suassuna). Até estrear na Globo, em 1991 (com *Tereza Batista*), ele passou pelos elencos dos filmes *A Volta do Filho Pródigo* (Ipojuca Pontes), *A Última Semana de Lampião* (Ilma Pontes, sergipana como ele), *Fronteira das Almas* (seu reencontro com Hermano Penna), *Beijo 2348/72*, de Walter Rogério, e o curta *Meninos Marcados para Morrer* (de Caio Amado, também sergipano). Quando *Tereza Batista* o apresentou ao grande público, porém, veio o revés. A situação do cinema brasileiro entrou em estágio da penúria e a produção rareou. Ao invés de 80 filmes/ano, só três ou quatro. Orlando acomodou-se em seu Sergipe natal, à espera de melhores dias. Eles vieram quando Sérgio Rezende & Mariza Leão, seus fãs assumidos, o convocaram para o elenco de *Lamarca*. Coube a ele o papel do pai de Zequinha Barreto, o rapaz que ajudava o capitão-guerrilheiro em sua fuga pelo sertão da Bahia. Com Sérgio Rezende Orlando fez, também, *Guerra de Canudos* (interpretou o *Comandante Pedro Tamarindo*, responsável pela terceira investida militar sobre o Arraial do Conselheiro). José Joffily, outro "siderado" pelo trabalho do ator sergipano o escalou para o elenco de *Quem Matou Pixote?* Cacá Diegues o convocou para interpretar um favelado de origem nordestina, crente-evangélico, um *bíblia*, enfim, em *Orfeu*. Na Paraíba, Orlando protagonizou o média-metragem *Eu Sou o Servo*, de Eliezer Filho. Lhe coube o papel do Padre Ibiapina,

tão conhecido no Nordeste quanto Padre Cícero e Frei Damião. Em *Narradores de Javé*, Orlando interpreta um gêmeo turrão, em magnífico dueto com Roger Avanzi.

ROGER AVANZI - (São José do Rio Preto/SP/07/11/1922) Ator e palhaço, com longa carreira no circo e no teatro. Nos picadeiros deu longa vida ao Palhaço Picolino. Agora no cinema, estréia em papel hilário: o *Outro*. Na verdade ele é gêmeo do personagem de Orlando Vieira. Os dois, porém, não se entendem. Vivem às turras. Roger formou-se na escola do circo. Exatamente no circo do seu pai, o Circo Nerino (1913-1964), onde ele nasceu e permaneceu até o último espetáculo, e se formou músico (pistonista e cantor), acrobata, jóquei, trapezista, ciclista, ator e por fim, palhaço. Roger Avanzi participou de várias campanhas publicitárias como ator, circense e palhaço, atuou em vários documentários sobre o circo e se tornou conhecido pelas novas gerações, nos anos 80, por meio do programa *Bambalão*, da TV Cultura de São Paulo. Avanzi protagonizou mais de 70 peças no Circo Nerino, que como a maioria dos circos de sua época, era um legítimo circo-teatro. Estreou recém nascido. Em 2000 participou da peça o *Jardim das Cerejeiras*, de Tchecov, ao lado de Tônia Carrero, Renato Borghi e Beth Goulart. A biografia de Roger Avanzi foi escrita pela pesquisadora Verônica Tamaoki.

MAURICIO TIZUMBA (Belo Horizonte-MG – 15-12-1957) - Maurício Lino Moreira é um artista polivalente. Compositor, cantor e ator, ele integra o núcleo afro-brasileiro de *Narradores de Javé*. Seu *Samuel*, capaz de traduzir, com gestos e muita presença de espírito, o que diz Pai Cariá é beleza apura. Maurício, que adotou Tizumba como nome artístico, se define como uma mistura aprendizado auto-didata, com formação escolar (formou-se no TU - Teatro Universitário, em Belo Horizonte (Turma de 1988/1991) . Antes de dar vida a Samuel em *Narradores de Javé*, ele atuou nos longos mineiros, *Uma Onda no Ar*, de Helvécio Ratton (2003), e *Samba Canção*, de Rafael Conde (2004). No teatro, Tizumba atuou em três espetáculos dirigidos por Tim Rescala (*A Sombra do Sucesso*, *O Homem Que Sabia Português e Pianíssimo*). *Narradores de Javé* está inscrito na memória afetiva do ator-cantor-compositor. Ele conta que, para ele, o filme transformou-se em sinônimo de "dor e experiência". E, também, de "dor e alívio". Tudo isto, porque, "um dia antes de chegar à chapada para filmar, tinha sepultado a minha mãe". Assim, *Narradores* foi, para mim, uma espécie de unguento, pois a dor no meu peito era muito grande. O filme, além de tudo, amenizou a minha dor". Trabalhar com José Dumont, para Tizumba, foi algo muito especial: "*além de engraçado e inteligente, ele tinha um conhecimento de pessoas de língua diferente e ainda falava a língua e conhecia bem a região de Javé*".

BENÊ SILVA – (Uberaba/16/08/1941) – O mineiro Benedito Vicente da Silva, que interpreta *Pai Cariá* em *Narradores de Javé*, vive em São Paulo há quatro décadas e orgulha-se de ser "o primeiro ator negro" formado pela EAD (a prestigiosa Escola de Arte Dramática-USP). Nos anos 60, na TV, fez teleteatro. Depois, novelas. Em 1966,

atuou em *Blues Para Mister Charles*. Presidiu o Grupo Teatral do Negro. Passou pelo elenco de *Hair* e, com o Teatro de Arena, foi ao México mostrar *Arena Canta Zumbi* e *Arena Canta Bolívar*. Com Walmor Chagas e Paulo César Pereio, atuou em *Os Rapazes da Banda*. Foi Judas em *Jesus Cristo Superstar*. Passou por elencos de pornochanchadas e por programas na Band, Globo e TV S. Agitador cultural e militante das causas negras, Benê Silva andava ocupado (desde 1992) com a edição de jornais e revistas, com cursos de teatro para grupos amadores e com projetos artístico-culturais para empresas. E também com projetos de intercâmbio com Angola, África do Sul, Zâmbia, Nigéria, Moçambique e Gabão. " Em 1997"—conta – "montamos uma ONG de promoção de projetos ligados à difusão da cultura afro-brasileira". Entre os eventos organizados pela ONG está o Salão de Artes Plásticas Afro-Brasileiras e o Festival de Artes Cênicas. Ao ser escolhido para interpretar *Pai Cariá*, Benê recebeu de Eliane Caffé a incumbência de estudar a língua iorubá. À medida que os laboratórios e ensaios de preparação de elenco foram avançando, a diretora resolveu que a língua utilizada seria algo ‘bem enrolado’. Que Pai Cariá conheceria a língua portuguesa, mas fingira desconhecer-la. Daí a necessidade de um intérprete, o *Samuel*. E assim foi. Para Benê, "Pai Cariá é um misto de pai de santo com feiticeiro, cheio de malícia. Ele tem muito de vivo, esperto e malandro, mas sem perder a dignidade". Para preparar-se, o ator visitou o quilombo do Cafundó e pesquisou em livros de Pierre Fatumbi Verger. Gostou muito do resultado de sua personagem nas telas.

ALESSANDRO AZEVEDO (Puxinanã/PB/23/07/1968) – O ator paraibano, radicado em São Paulo desde 1991, desempenhou dupla função em *Narradores de Javé*. Além de interpretar *Daniel*, jovem atormentado por episódio de infância (o pai matou um homem na sua frente), ele cuidou da preparação de elenco. Em parceria com Eliane Caffé, cuidou, de forma personalizada, dos cem figurantes (todos moradores de Gameleira da Lapa). E manteve longas conversas com os atores principais, de forma que houvesse total integração entre eles. Ou seja, entre os que vinham de fora e os gameleirenses. "No caso dos profissionais, como José Dumont e Nelson Xavier"—explica – "fui mais um ‘anjo da guarda’. Fazia exercícios de *esquentamento* com eles, para que na hora do ‘*câmara, ação*’ tudo fluísse melhor". Houve caso de duas figurantes – Dona Dalva e Dona Vijú – que conquistaram destaque no filme. Deixaram a figuração muda e ganharam falas. Dona Dalva tornou-se alvo da implicância de *Antônio Biá*. Dona Vijú prestou depoimento testemunhal à câmara de vídeo que aparece nas seqüências finais do filme. Alessandro Azevedo iniciou sua carreira no teatro em Campina Grande. Em 91, tomou o rumo de São Paulo, para fazer cursos no CPT (Centro de Pesquisa Teatral), de Antunes Filho. Depois, criou o Palhaço Melão e fez espetáculos de rua. Em 96, criou outro palhaço, o Charles, que animava Saraus em espaços abertos. Em 2000, os Saraus do Charles ganharam maior freqüência. Alessandro fundou, com parceiros, o Raso da Catarina (espaço teatral localizado na Vila Madalena). Como não poderia deixar de ser, a primeira peça montada no novo espaço foi *Lampião Vai ao Inferno Buscar Maria Bonita*. Com base em entrevista concedida por Virgulino Ferreira, em 1926, a um jornal, Alessandro e Dani Carmona criaram a peça *O Amanhecer de Lampião*, para dois personagens (Lampião e Maria Bonita) e um sanfoneiro. O primeiro contato do ator com o cinema se deu na minissérie *O Cangaceiro*, de Aníbal Massaíni (ainda inédita). Depois, atuou em

Sonhos Tropicais, de André Sturm; *Garotas do ABC*, de Carlos Reichenbach, e *Contra Todos*, de Roberto Moreira, ambos inéditos.

MARIO CESAR CAMARGO (Marília/SP-04-07-1947) – O ator paulista interpreta, em *Narradores de Javé*, o pai de Daniel. Mário iniciou sua carreira artística no CPC da UNE (Centro Popular de Cultura, da União Nacional de Estudantes) no começo dos anos 60. Fez cursos de teatro com Eugênio Kusnet, que considera seu grande mestre, e Antônio Abujamra. A carreira profissional deslançou em 1982, quando interpretou *Giovanni Barachetta*, em *Bella Ciao*, peça de Luís Alberto de Abreu. "Ganhei vários prêmios com esta peça e não parei mais". O ator participou de vários trabalhos do Grupo Ornitorrinco, de Cacá Rosset. "Eu estava"—relembra – "no elenco de *Sonhos de Uma Noite de Verão*, montagem que fez temporada em Nova Iorque". Trabalhou também com Gerald Thomas em *Fim de Jogo* e M.O.R.T.E. Recentemente, atuou, em *Rei Lear*, ao lado de Raul Cortez. A estréia no cinema se deu em *Lua Cheia*, de Alain Fresnot (1988) e prosseguiu em *Copacabana*, de Carla Camurati. Na TV, fez "Seu Cleber", dono de bar em *Partido Alto*, novela de Glória Perez. Fez também "Seu Anacleto", o pai de Paola (Maria Fernanda Cândido) em *Terra Nostra*, de Benedito Ruy Barbosa. E atuou em *Coração de Estudante*, de Emanuel Jacobina. Para Mário César Camargo, trabalhar em *Narradores de Javé* constituiu experiência inesquecível. "Você sabe"—rememora – "que, ao chegar a **Bom Jesus da Lapa**, liguei a TV e vi um avião entrando nas Torres Gêmeas? Pois era o dia 11 de setembro de 2001". Sobre seu personagem, ele conta: "meu personagem só existe na memória do filho. O menino viu o pai assassinar o homem que entrou em sua casa montado a cavalo".

SILVIA LEBLON (São Paulo-SP/05-08-1949) - Em *Narradores de Javé*, Silvia interpreta *Mariadina*. O personagem, aliás, tem duas versões no filme. Numa delas, como heroína (Luci Pereira). Na outra – a que coube a Sílvia – como louca, meio bruxa, meio profetiza. "Fiquei encarregada de encarnar esta segunda versão: a *Mariadina* lunática, andrajosa e mística". Antes de *Narradores*, Silvia participou de três longas -- *Estrada da Vida*, de Nelson Pereira dos Santos; *Janete*, de Chico Botelho, e *A Próxima Vítima*, de João Batista de Andrade. Silvia Maria Lebrão Lisboa, filha de pioneiros de Rádio e TV (Paulo Leblon e Cidinha Leblon), ficou órfã muito cedo e foi criada pela madrasta (Alcina de Toledo), novelista de rádio. "Por isso"—conta – "convivi com o ambiente artístico desde criança". Durante oito anos frequentou o Conservatório Musical, cursos de declamação e folclore, Iniciação Artística e Teatro. No Colégio de Aplicação da USP, quando cursava o Clássico (1966), participou de grupo amador, dirigido por Chico de Assis. Pelas mãos de Assis, chegou ao grupo vocal As Meninas (TV Excelsior, atuou no programa Ensaio Geral). Estreou em novelas na TV Excelsior (*A Menina do Veleiro Azul*/1969). Atuou na companhia tetral de Cleide Yáconis. No LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp – especializou-se na técnica do clown. "Foi assistindo ao meu solo de clown – *Spathodea* -- que Lili Caffé me convidou para o filme". Silvia atuou no curta *Histerias* (ou Três Marias), de Inês Castilho & Cida Aidar, e lembra, com orgulho, que Jean-Claude Bernardet cita uma de suas cenas em *São Paulo*

Sinfonia e Cacofonia. No teatro, Silvia atuou em *Medéia*, *O Santo e a Porca*, *Cordel 76*, *Alice no País das Maravilhas* e no musical *O Mambembe* (direção de Gabriel Villela).

HENRIQUE LISBOA (Ilha Grande/RJ- 02/09/1945) – José Henrique Paiva dos Reis Lisboa deixou sua Ilha Grande natal com um ano de idade, indo morar em Taubaté, interior de São Paulo. Aos 15, mudou-se para Santo André, no ABC Paulista. Fez teatro amador durante cinco anos. Em 1968 se profissionalizou. Atuou em *Jorge Dandin*, de Molière, junto com Sônia Braga. "Era também a estréia dela, que tinha uns 17 anos"— relembra. "Nossa diretora era Heleny Guariba, mulher incrível, que desapareceu nos anos duros da ditadura militar. A vida dela será contada em peça de César Vieira". A carreira de Henrique prosseguiu em dezenas de montagens teatrais (sob direção de Adhemar Guerra, Domingos de Oliveira, Antônio Pedro, entre outros). A estréia na TV se deu no *Teleteatro*, da TV Cultura. A primeira novela foi *Dinheiro Vivo*, de Mário Prata (TV Tupi/1979). "Eu era *Carlos Roberto*, namorado da personagem de Maitê Proença, mocinha louca por Roberto Carlos". No cinema, começou em *O Mundo de Anônimo Jr*, de Aron Feldman (1970/71). Depois trabalhou em *A Hora dos Ruminantes*, projeto inacabado de José de Anchieta (1978), *As Aventuras de Mário Fofoca* (Adriano Stuart/1982), *Marvada Carne* (André Klotzel/1985), *Nasce Uma Mulher* (Roberto Santos/1986), *Beijo 2348/72* (Walter Rogério/1991) e *O Príncipe* (Ugo Giorgetti/2002). Atuou, também, nos curtas *A Rifa*, de Simone Raskin; *Mano a Mano*, de Eduardo Caron; *Olimpicus*, de Flávia Moraes e nos médias *Em Nome da Segurança Nacional*, de Renato Tapajós; *O Mudo*, de Júlio Silveira, e *Delegado Alencar*, de César Ladeira. E também no vídeo *Festa do Divino* (em São Luiz do Paraitinga), de Ugo Giorgetti. Em *Narradores de Javé*, Henrique dá vida a *Cirilo*, um tipo "louco da aldeia". Ele lembra que o personagem tem premonições e chega a Javé justo na hora em que a cidade vai ser inundada pelas águas da hidrelétrica. "*Cirilo* é místico, meio louco e ermitão. As crianças o perseguem, mas ele não faz mal a ninguém".

IN MEMORIAM:

ALTAIR LIMA (Barretos/SP- 08-07-1936//Faleceu em 24/12/2002). Altair Lima, que fez seu último trabalho cinematográfico em *Narradores de Javé* (na pele de Gaudério), formou-se no teatro. No começo dos anos 60, passou a integrar o elenco da TV Tupi, trabalhando com o novelista e cineasta Geraldo Vietri. Transferiu-se para a Excelsior e atuou nas novelas *Melodia Fatal* e *A Deusa Vencida* (dirigidas por Walter Avancini). Foi galã de Rosamaria Murtinho em *Eu Quero Você* (1965/direção de Mauro Mendonça). Em 1966, protagonizou *Ninguém Crê em Mim*, primeira novela de Lauro César Muniz. Na novela *O Tempo e o Vento* (1963/que Teixeira Filho adaptou do romance de Érico Veríssimo) atuou ao lado de Geórgia Gomide e Carlos Zara. Em 1967, representou o papel de Heathcliff, em adaptação do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emile Brönte. Seu último trabalho na Excelsior foi na novela *A Última Testemunha* (1968,

direção de Walter Avancini). Depois trabalhou em novelas da Bandeirantes (entre elas, em nova versão de *A Deusa Vencida*/1980) e minisséries e novelas da Manchete e Record. Na TV Globo, atuou em *A Corrida do Ouro* (1974/75). Sua primeira participação no cinema se deu em *O Anjo Assassino* (Dionísio Azevedo/1967), baseado em telenovela de sucesso da TV Excelsior (*A Outra Face de Anita*). Depois, atuou em *O Intruso no Paraíso* (Heron D'Ávila/1973), *Xica da Silva* (Cacá Diegues/1976), no qual interpretou um militar. Depois de longo hiato, fez *Bicho de Sete Cabeças* (Laís Bodanzky/2000). Encerrou sua carreira (aos 66 anos) no alvorecer do novo milênio, atuando em *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé. Faleceu em Angatuba, no dia 24 de dezembro de 2002.

9- EQUIPE TECNICA

ROTEIRO

LUÍS ALBERTO DE ABREU (São Bernardo do Campo – SP --05/03/1952) – Um dos mais respeitados dramaturgos brasileiros, Abreu é autor de dezenas de peças. As mais importantes são *Bella Ciao*, *A Guerra Santa*, *Um Trem Chamado Desejo*, *O Livro de Jó* (cuja montagem consagrou Matheus Nachtergaele) e *Auto da Paixão e da Alegria*. O dramaturgo deixou o curso de Jornalismo incompleto, porque sua vocação era mesmo escrever para teatro. A qualidade de suas peças chamou a atenção da cineasta Eliane Caffé. Juntos, escreveram o roteiro de *Kenoma* (1998). Depois, Alain Fresnot o convidou para ajudar no roteiro de *Desmundo* (2003). Com Jean-Claude Bernardet, Abreu escreveu o roteiro (inédito) de *Lila Rapper*. Eliane Caffé o convocou para novamente trabalhar com ela em *Narradores de Javé*. As matrizes do filme -- para Abreu -- "são, fundamentalmente, narrativas da cultura popular" que ele vem pesquisando há uma década. "Desenvolvo em teatro, há dez anos, com a Fraternal Companhia de Arte e Malas Artes, o *Projeto de Comédia Popular Brasileira*". Nesses dez anos, "fizemos onze montagens, todas tendo como base a comédia popular". Ao ver *Narradores de Javé* pronto, Luís Alberto de Abreu ficou "bastante satisfeito". O filme "espelhou bastante bem o trabalho que tivemos a as expectativas que colocamos nele. Expectativas estéticas e de empatia com o público".

"Narradores de Javé é uma viagem a um Brasil que está terminando. O Brasil da oralidade, da riqueza inventiva de suas histórias, da informalidade de suas relações. Um Brasil rural e tradicional, de fortes valores coletivos que corre o risco de desaparecer sem registro".

O FOTÓGRAFO:

HUGO KOVENSKY (Buenos Aires/Argentina/16-04-1952) – O fotógrafo Hugo Kovensky, de nacionalidade argentina, tem residência permanente no Brasil, desde 1981. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Buenos Aires (Turma de 1969-1974). Fez fotojornalismo no jornal "Noticias", de Buenos Aires, no começo dos anos 60. Diplomou-se como diretor de fotografia no INSAS (Instituto Nacional Superior das Artes do Espetáculo e Técnicas de Difusão de Bruxelas). Sua tese final (*Quando as Luzes se Acendem – Conversação com Ricardo Aronovich, Diretor de Fotografia*), defendida em 1981, no instituto belga, avaliou a obra do fotógrafo argentino-francês, de quem foi assistente no filme *Vrijdag* (Hugo Klaus/1980). Assinou a fotografia dos curtas e médias *Maedeli la Breche* (de Jacó Van der Mael, premiado com o *Oscar/81* na categoria *Scholl Film*), *Kleist*, *DM et Herta*, produzidos pelo Ministério da Cultura Francesa/Bélgica. Em 1982, fotografou os documentários *Alfabetização e Igreja Popular*, produzidos pela TV finlandesa, no Brasil. Nos anos 80, atuou como diretor de fotografia de filmes comerciais em diversas produtoras brasileiras (Oficina de Cinema, Fathom Filmes, **Compania** de Cinema, Chroma Filmes, Miksom, Globotec, Cinema Centro). Em 1986, fotografou o documentário *Hablemos de Tango* (Mauricio Berú/ Brasil) e, no ano seguinte, um dos episódios de *Oswaldianas (Memórias de um Anormal, de Zatz & Dias)*. De 1987 a 1989 foi professor de Fotografia na EICTV (Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños, em Cuba). De 1994 a 1997, deu aulas (como professor concursado) de Fotografia para Cinema e Vídeo, na ECA-USP. Entre os curtas fotografados por Kovensky estão *O Menino, a Favela e a Tampa da Panela* (Cao Hamburger), *Trabalho dos Homens* (Fernando Bonassi) e 19 programas da série *Gente Que Faz*. Fotografou os dois longas de Tata Amaral (*Um Céu de Estrelas/1997*, e *Através da Janela/2000*). Ganhou o Troféu Candango de melhor fotografia no FEST Brasília, com *Bicho de Sete Cabeças* (Laís Bodanzky/2000). A parceria com Eliane Caffé começou em 1989, no curta *Arabesco*, que lhe rendeu o Kikito de melhor fotografia, no FEST Gramado, prosseguiu com *Kenona* (1998, menção pela melhor fotografia no FEST Gavà /Espanha/99) e *Narradores de Javé* (2004). Kovensky assina a fotografia do longa *El Corazón de Jesus* (Alemanha /Bolívia), de Marcos Loayza.

" Narradores foi um grande desafio, para a Lili e para todos nós, sua equipe. Ficamos entre o documentário e a ficção, entre a comédia e o drama, entre a tecnologia e o atraso. O resultado ficou acima do que eu esperava. Tomara o Brasil-Javé resista e não seja alagado".

O MONTADOR:

DANIEL REZENDE (São Paulo-SP/05-05-1975) -- Um dos mais festejados montadores do cinema brasileiro, embora tenha no currículo apenas três trabalhos (Cidade de Deus, de Fernando Meirelles; Narradores de Javé, e Diário de Motocicleta, de Walter Salles,

sobre a juventude de Ernesto Guevara de la Serna). Formado em Publicidade pela ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), Daniel se profissionalizou na O2, a poderosa produtora de Fernando Meirelles e parceiros. Juntos, realizaram, muitos comerciais. Acreditando no taco do amigo, Meirelles o escalou para estrear na montagem em Cidade de Deus. Cinco meses depois, o filme estourava nos cinemas e chegaria a 3,2 milhões de espectadores. E Daniel ganharia dois prêmios de grande importância: o **Bafta**, o *Oscar* britânico, e o prêmio Coral, no Festival de Havana. Durante dois meses e meio, o montador cuidou da edição de *Narradores de Javé*. Por seu trabalho, ganhou o Troféu Calunga no Fest Recife. Já *Diário de Motocicleta* lhe tomou nove meses. Meirelles testemunha o assédio do mercado internacional pelo jovem montador: "ele recusou montar *Bern Identity 2*, da Universal. Preferiu montar outro grande projeto de estúdio neste início de 2004. Está virando uma estrela do mercado internacional".

A DIRETORA DE ARTE:

CARLA CAFFÉ (Santo André/SP/08/04/1965) - Carla Dias Caffé Alves é arquiteta, formada pela FAU-USP (1984/1992). Sua formação como diretora de arte se deu através do teatro. Primeiro, ela trabalhou como assistente de cenários e figurinos de Daniela Thomas, na Cia de Ópera Seca, sob direção de Gerald Thomas. Depois, já em trabalho solo, colaborou com Walter Salles (em campanhas publicitárias). Sua estréia no cinema se deu no média-metragem *Caligrama*, de sua irmã, Eliane Caffé. A estréia no longa, já como diretora de arte (em parceria com Cássio Amarante), foi *Central do Brasil* (Walter Salles/1998). Seguiram-se *O Primeiro Dia* (Daniela Thomas & Walter Salles/2000); nova parceria com Cássio Amarante em *Bossa Nova* (Bruno Barreto/2000) e, agora, *Narradores de Javé*. Em *Kenoma* (1998), primeiro longa de Lili Caffé, Carla assinou (em parceria com Fernanda Sarmiento) os créditos iniciais e finais, logotipos e o cartaz (premiado com um Candango especial no FEST Brasília). A dupla repetiu o mesmo trabalho em *Latitude Zero* (Toni Venturi/2000). Em *Narradores de Javé*, em parceria com Kiko Farkas, Carla assina, também, os créditos iniciais, finais, logotipo e cartaz. Sua entrega pessoal ao segundo longa de Lili Caffé resultou em diário "javélico", no qual registrou estudos de composição de cenas, alguns desenhos de figurinos e fotos. Carla tem longa folha de serviços publicitários prestados a diretores como João Jardim, Paula Trubulsi, Daniela Thomas, Fabrizia Pinto, Lo Politi e às produtoras Movie Art, Gorila, Julio Xavier, Academia de Filmes e O2".

"A direção de arte do filme tem o espírito de Javé: com pouquíssimos recursos e muita improvisação executamos o filme. Nossa intervenção nos figurinos(cenários ou locações) foi a menor possível. Quanto aos figurinos, em maioria, são roupas de Gameleira, acentuando o caráter documental do filme. Para ter maior controle na manipulação das imagens de reconstituição, a paleta de cor do figurino foi minuciosamente trabalhada através dos tingimentos".

A FIGURINISTA:

CRISTINA CAMARGO (São Paulo/1967) – Cristina Camargo estudou Artes na Europa. Ao regressar ao Brasil descobriu-se apaixonada pela produção de moda. Trabalhou na revista Elle e na MTV. Depois, foi para a Publicidade. Conheceu, neste ofício, as irmãs Fabrizia Alves Pinto e Daniela Thomaz. Juntas, realizaram diversos trabalhos no Rio e em São Paulo. A estréia no cinema se deu em *Central do Brasil*, de Walter Salles. Seguiram-se *O Primeiro Dia*, de Salles & Thomaz (em parceria com Verônica Julian), *Ação entre Amigos* (Beto Brant), *Através da Janela* (Tata Amaral), *Domésticas* (Meirelles & Olival), *Carandiru*, de Hector Babenco, e *Narradores do Javé*.

10. INFORMAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO

VÂNIA CATANI -- BANANEIRA FILMES

VÂNIA CATANI (Montes Claros/MG-16/04/1963) – Vânia Catani deixou sua Montes Claros natal para estudar em Belo Horizonte. Tinha 16 anos. Aos 18 foi mãe e resolveu trabalhar. Enturmou-se e envolveu-se com produção de shows de rock. Isto, nos anos 80, quando o BRock estava no auge. "Naquele momento"—relembra – "rock brasileiro *bombava* e os shows faziam o maior sucesso". No final de década (1989), a música a levou à TV Educativa de Minas. Quando deu fé, Vânia estava envolvida com videoarte, documentários e programas televisivos. "Em 91, inventei com amigos um festival de vídeo ultra-radical, em BH. Chamava ForumBHvídeo. Muitos se lembram dele até hoje. No festival, conheci Walter Carvalho, Sandra Kogut, Arthur Omar, Berliner e muitos outros craques do audiovisual brasileiro". Em 94, Vânia chegou para valer ao cinema. Tornou-se assistente de arte de Clóvis Bueno & Vera Hamburger, em *Menino Maluquinho* (Helmécio Ratton/1995). Ela gosta de lembrar que descobriu o cinema em sua Montes Claros natal, assistindo às filmagens de *Cabaret Mineiro*, de seu amigo Carlos Alberto Prates Correia (para quem prepara a produção de *Amo-te Muito*). "Aos 15 anos, vi meu primeiro set de filmagem. Era 1978 e Prates estava em Montes Claros filmando seu terceiro longa, *Cabaret Mineiro*. Naquela época eu via, no cinema de minha cidade, um filme por dia. Com o Prates, vi que era possível trabalhar em cinema, ajudar a fazer filmes". Mas só 15 anos depois de *Cabaret*, Vânia se profissionalizou no audiovisual. Hoje, seu nome está nos créditos de *Os Nomes do Rosa*, documentário de Pedro Bial (1997) e *O Fim do Sem Fim*, da trinca Lucas Bambozzi, Cao Guimarães e Beto Magalhães (2001). Sua estréia como produtora de longa ficcional se deu em *Outras Estórias* (Pedro Bial/1998). Nos dois últimos anos, entregou-se a *Narradores de Javé*. Feliz com o resultado do filme, Vânia conta que *Javé* simboliza sua "independência e confirmação como profissional de cinema". Com *Narradores* "minha teimosia sertaneja

me trouxe até aqui e serviu para consolidar minha nova produtora, a Bananeira Filmes. Adoro *Narradores de Javé* mais do que qualquer outro trabalho que tenha feito com imagens em movimento. Para mim, este filme significa o começo, minha carreira começa aqui e espero que dure para sempre. Sou muito feliz fazendo isso". Neste ano, além de produzir a volta de seu conterrâneo Prates Correia ao cinema, Vânia assinará a produção de *A Festa da Menina Morta*, de Matheus Nachtergaele.

PARCEIRAS:

LATERIT/FRANÇA -- Produtora e distribuidora independente, criada por Marie-Clémence Paes, em 1988, com sede em Paris/França. Entre suas produções destacam-se *Angano...Angano*, do brasileiro César Paes (1989); *Parabolic People*, de Sandra Kogut (1991); *Aux Guerriers du Silence* (César Paes/1992), *Awara Soup* (César Paes/1996), *Saudade do Futuro*, que César Paes realizou em São Paulo (2000), *Entre Muros*, de João Ribeiro & José Filipe Costa (2003). Em preparação : *Mahaleo*, de Raymond Rajaonarivelo & Cesar Paes; *The Wisthle*, de As Thiam (Senegal); e *Business Class*, de Serge Tréffaut (França/Portugal). Marie-Clemence & César Paes organizaram, na Jornada de Cinema da Bahia, em 1998, grande mostra de Cinema Africano.

Gullane Filmes -- Empresa dos irmãos Fabiano & Caio Gullane. **Fabiano, paulistano de 32 anos, estudou Cinema na FAAP, onde descobriu sua vocação de produtor. Foi diretor de produção em *Através da Janela*, de Tata Amaral; *Ação Entre Amigos*, de Beto Brant; *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach; e *Kenoma*, de Eliane Caffé. Em *Castelo Rá-Tim-Bum*, de Cao Hamburger, foi, além de diretor de produção, produtor de finalização. Em *Narradores do Javé* e *Bicho de Sete Cabeças*, de Laís Bodanzky, desempenha as funções de produtor executivo e co-produtor. Seu trabalho mais recente é *Nina*, adaptação livre de Heitor Dhalia para *Crime e Castigo*, de Dostoiévsky.** Caio Gullane, paulistano de 29 anos, iniciou-se no meio artístico como performer e ator circense. Fez curso de Cinema da FAAP e dedicou-se às áreas de comunicação e marketing. Colaborou com Pascoal Samora no curta *Dueto*. Integra os créditos técnicos de importantes curtas paulistanos dos anos 90. Foi diretor de produção de *Os Matadores*, *Tônica Dominante*, *Kenoma*, *Ação Entre Amigos*, *Dois Córregos*, *Através da Janela*, *Bicho de Sete Cabeças*, *Desmundo*, *Durval Discos* e *Narradores do Javé*. Produziu *Nina*, em parceria com Fabiano Gullane.

11. Gêmeo turrão bate boca com o Outro, que renega

Quem quiser matar saudades do sergipano Orlando Vieira tem encontro marcado com *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé. O filme, que ganhou sete prêmios no Festival de

Recife, tem elenco de primeira (José Dumont, Gero Camilo, Nelson Xavier, Matheus Nachtergaele). Pois Orlando Vieira causa furor ao interpretar gêmeo turrão, que bate boca com o "outro" irmão. Os dois divergem sobre suas origens familiares. E também sobre a origem do povoado de Javé, que está para ser inundado pelas águas de uma hidrelétrica. "Tudo muito parecido com o que se deu com a Represa de Xingó", constata.

"Meu parceiro neste filme que adorei fazer"—detalha – "é Roger Avanzi, que durante muitos anos foi palhaço no Circo Picolino. Não vejo a hora de ver o filme nas telas dos cinemas. Eu sou o *Gêmeo* e Avanzi é o *Outro*, já que não nos entendemos no tocante ao nosso parentesco (ri gostosamente)". E arremata: "você acha que tenho cara de quem tem 72 anos? Não tenho, não é?! Sou um sertanejo forte, casado com uma mulher de 36 anos, com filhos pequenos. Meu colesterol é baixíssimo. Ainda vou fazer muito filme. Pode me cobrar depois".

12. PERSONAGENS FEMININOS:

MARIA DALVA LADEIA (é a dona dina?)

A moradora conquistou papel no filme. Sua função era "fazer demanda" com Antônio Biá

Maria Dalva Ladeia, a *Dona Maria*, nasceu em Itororó/Bahia (08-08-1950). Ela, que mora em Gameleira da Lapa há 33 anos, seria apenas mais uma figurante em *Narradores de Javé*, se não estabelecesse com *Biá* (José Dumont) estreita relação. "No decorrer das filmagens"— conta – "*Biá* começou a brigar comigo, a me xingar. Eu respondia. Ele me chamava de 'manicure de lacraia', eu fechava a cara e retrucava: 'salafrário'. Ele contra-atacava me chamando de 'tapioca de exú', 'piaba de silicone', era tanta coisa que saía na hora, de improviso".

Dalva sabe que suas "demandas" com *Biá* fizeram seu personagem (*Dona Maria*) crescer a ponto do nome dela figurar nos créditos, ao lado dos atores profissionais. E lhe rendeu amizade com José Dumont, alimentada com telefonemas. "Outro dia ele me ligou avisando que o *Programa do Jô* ia mostrar trechos do filme. Esperei acordada para assistir ao programa e me diverti muito".

Narradores de Javé marca a estréia de Dalva no cinema. Dela e dos três filhos. O mais velho, Etienne, de 33 anos, fez figuração como testemunha numa cena de casamento; Aline, de 23, aparece em cenas coletivas, e Cid Vinícius, o caçula, de 12 anos, interpreta *Daniel* (personagem que Alessandro Azevedo vive na fase adulta). " Cid fez uma cena difícil, em que um homem montado a cavalo invade a casa de seu pai e leva um tiro".

Dalva lembra com saudades os meses em que Gameleiras transformou-se na Javé fictícia. "Foi maravilhoso. A equipe do filme limpou tudo, deixou as ruas e as barrancas do rio limpinhas, sem lixo e entulho". O tempo passou e tudo voltou ao que era. "A sujeira está de novo por todo lado", lamenta. "Nosso povoado, que é distrito de Sítio do Mato, a sede do município, vive esquecido dos poderes públicos". Das amigas de Gameleira que trabalharam no filme, Dalva destaca Dona Vijú (Vigilina Cardoso) e Dona Alice. Destaca também Arlisson, que aparece ao lado dela, quando os gêmeos (Orlando Vieira e Roger Avanzi) brigam e mostram fotos de seus casamentos.

13. GEOGRAFIA DE NARRADORES DE JAVÉ

CURIOSIDADES

LOCAÇÃO

A Javé cinematográfica -- Javé é o nome hebraico (bíblico) de Deus, o mesmo que Jeová ou Yaveh -- é na geografia real, a cidade de Gameleira da Lapa, subdistrito de Sítio do Mato, e fica às margens do rio São Francisco, próximo à cidade de Bom Jesus da Lapa. Bom Jesus, como o nome indica, é conhecida pela gruta natural (Iapa) que lembra imensa catedral e atrai anualmente milhares de romeiros. A população de Gameleira é de aproximadamente 2.000 habitantes.

A seqüência do *Pai Cariá* (Bené Silva), o líder negro que dá sua versão para o nascimento de Javé, foi rodada em povoado localizado na Chapada Diamantina. Assim como todas as cenas épicas. No caso as narradas por *Deodora* (Luci Pereira), *Vicentino* (Nélson Dantas) e *Firmino* (Gero Camilo).

O filme foi feito em três lugares básicos: Gameleira da Lapa (na maioria das seqüências, que mostram o cotidiano da população javélica), Bom Jesus da Lapa (cenas do embarcadouro, vistas na abertura do filme) e arredores de Lençóis, na Chapada da Diamantina. "Não houve nenhuma barragem real, tudo foi ficcionado", lembra Eliane Caffé.

Gameleira da Lapa, pequena cidade baiana, cenário do filme, enfrentou o problema da coleta de lixo e colaborou com a direção de arte fornecendo costureiras, um construtor de carro-de-boi e até um mateiro-marceneiro

Depoimento de Carla Caffé, diretora de arte

"Narradores de Javé foi inteiramente filmado em Gameleira da Lapa e adjacências, no sertão baiano. Contamos, na nossa equipe de cenotécnicos, com um construtor de carro

de boi e um mateiro-marceneiro. Este marceneiro conhecia a mata como ninguém e nos fornecia a tabatinga, pigmento natural para as pintar as parede.

As costureiras, todas de lá, enriqueceram nosso trabalho com seus repertórios regionais de costura. Para compor a riqueza dos figurinos (no nosso processo de recriação, de reconstituição) trocávamos roupas levadas de São Paulo por roupas de lá. Eram vestidos, blusas, calças ou camisas confeccionadas artesanalmente por elas, em máquinas domésticas. Muitas peças do vestuário local nos trouxeram surpresas inesperadas. Nos encantaram.

Não canso de repetir que trabalhar em *Narradores de Javé* foi uma experiência ímpar, em tudo diferenciada, pois as pessoas que agregamos não eram profissionais da área cinematográfica ou publicitária. As soluções para muitos dos procedimentos que adotamos eram inusitados, surpreendentes. Foram sete semanas de pré-produção, três semanas em São Paulo para produzir os acessórios. Acessórios que o mercado lá de Gameleira não fornecia. Acessórios que o mercado lá de Gameleira não fornecia, pois em São Paulo você compra roupa confeccionada "em baciada" e é muito mais barato que lá. As roupas de São Paulo eram, então, trocadas pelas roupas de lá e depois tingíamos, reconstruíamos, refazíamos. O sino das *reconstituições*, que aparece no filme, é de tamanho irreal, é enorme. Isto para aumentar a sensação de dificuldade enfrentada pelos moradores e incrementar a estranheza das *reconstituições*. Na base do 'quem conta um conto aumenta um ponto'. Um sino daquele tamanho talvez nem exista. Como não achamos nada parecido nas nossas pesquisas de pré-produção -- se existisse seria impossível transpostá-lo -- criamos o nosso. Tivemos que construí-lo em fibra de vidro, usando técnica de reprodução de peças. E com a vantagem do material ser barato e leve. Porém, a execução neste material só é possível em grandes centros desenvolvidos, pois trata-se de material relativamente novo.

Gameleira da Lapa é um município que não dispõe de coleta de lixo há 11 anos.

Nossa primeira atitude consistiu em retirar o lixo espalhado por toda a cidade, pois não dava para filmar do jeito que a encontramos. Por isto, cuidamos de promover faxina geral, que qualifico como trabalho exemplar de nossa equipe de produção. Para se ter idéia, não havia sacos de lixos para comprar na cidade. Durante as filmagens a produção coletou todo o lixo da cidade. Introduzimos a idéia de pontos de coleta, o que foi prontamente absorvido pela população. Mas além do lixo da cidade, as filmagens começaram a gerar seu próprio lixo. O mais comum eram os copinhos de água. Eram centenas todos os dias. Certo dia, Edson, um menino de 9 anos que havia nos adotado, nos convidou para a sua festa de aniversário. Ao entrar na sua singela casa, nos surpreendemos com decoração feita de copinhos de água, rosas, correntes, copos empilhados formando colunas curvas, uma maravilha".

15. O DIRETOR MUSICAL:

DJ DOLORES (Propriá/Sergipe/18/10/1966) – O sergipano Hélder Aragão vive em Recife há muitos anos e, na cidade, construiu carreira como DJ, produtor, músico e artista gráfico ligado ao movimento mangubeat (assina as capas de *Samba Esquema Noise*, do

mundo livre S/A, e *Mestre Ambrósio*). Sua trajetória como produtor começou como hobby, quando foi convidado a compor a trilha do vídeo *Enjaulado*, de Kleber Mendonça. Compôs, em seguida, música para teatro (*A Máquina*, de João Falcão), curtas e longas-metragens, como *O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas* (Paulo Caldas & Marcelo Luna/2000), e *Narradores de Javé*. Uma de suas composições integra a trilha sonora de *Deus É Brasileiro* (Cacá Diegues/2003). Na área de dança, colaborou com *Folias Guanabaras*, de Ivaldo Bertazzo, e *Desatino do Norte/Desatino do Sul*, do Corpo de Baile da Cidade de São Paulo. Seu *sampler* acompanhou apresentações com o *performer* dinamarquês Peter Deistze, em várias cidades brasileiras. O DJ/produtor está presente em compilações no Brasil e exterior, destacando-se *Caipiríssima*, de Beco Dranoff (do selo novaiorquino Caipirinha), e *Baião de Viramundo* (YB/Candeeiro/Sterns). Helder já fez remixes de grandes nomes da música brasileira contemporânea como Naná Vasconcelos, Tribalistas, Fernanda Porto, Otto e Paulinho da Viola. De 2000 para cá, DJ Dolores tem trabalhado com a Orchestra Santa Massa, "grupo que busca música híbrida, mas coesa, com bases na eletrônica". Ele acaba de lançar o CD *Contraditório?*, que figurou entre os 20 primeiros colocados no European World Music Chart (indicador europeu elaborado por DJs de todo o continente). DJ Dolores e Orchestra Santa Massa realizaram temporada de 34 shows em dez países da Europa e Estados Unidos. Seu *set* inclui vários estilos musicais, "ignorando rótulos mas sempre com muito *groove*". O reconhecimento do público se deu na última edição do Troféu Noite Ilustrada, da jornalista Érika Palomino (no qual leitores de todo o Brasil o elegeram "Melhor DJ de Beats e Black Music"). Em 2002, DJ Dolores foi um dos dez indicados ao Prêmio Multicultural Estadão, do jornal *Estado de São Paulo*. Conquistou o troféu Hangar, no Rio Grande do Norte, como destaque de música eletrônica brasileira.

"Não sou 'trilheiro', componho para alguns filmes que acho bacana. O Narradores tem algo de impactante e verdadeiro por isso é um projeto que me despertou interesse. Gosto da sonoridade das vozes dos atores, gosto dos neologismos inventados pelo Biá e meu trabalho foi captar essa sonoridade e transformá-la em música".

DISTRIBUIÇÃO:

LUMIÈRE & RIOFILME

PATROCINADORES

Banco do Nordeste,

BNDES,

Petrobras Distribuidora,

Petrobras

Cemig,

Correios,

Eletrobrás,

Gasmig,

Odebrecht,

Riofilme

Fundos Internacionais

EZEF (Alemanha), Fonds Sud Cinéma (França), Göteborg Film Fund (Suécia), Hubert Bals Fund (Holanda), Montecinemaverità Foundation (Suíça)

Empresa produtora – Bananeira Filmes

Co-produção – Gullane Filmes e Laterit Productions (França)

FIM.